

# LITERATURA MEDIEVAL

Volume IV

ACTAS DO IV CONGRESSO  
DA  
ASSOCIAÇÃO HISPÂNICA DE LITERATURA MEDIEVAL  
(Lisboa, 1-5 Outubro 1991)

Organização de  
AIRES A. NASCIMENTO  
e  
CRISTINA ALMEIDA RIBEIRO

EDIÇÕES COSMOS

Lisboa  
1993

© 1993, **EDIÇÕES COSMOS e ASSOCIAÇÃO HISPÂNICA  
DE LITERATURA MEDIEVAL**

Reservados todos os direitos  
de acordo com a legislação em vigor

Capa

Concepção: Henrique Cayatte  
Impressão: Litografia Amorim

Composição e Impressão: EDIÇÕES COSMOS

1ª edição: Maio de 1993  
Depósito Legal: 63841/93  
ISBN: 972-8081-07-3

Difusão

**LIVRARIA ARCO-ÍRIS**

Av. Júlio Dinis, 6-A Lojas 23 e 30 — P 1000 Lisboa  
Telefones: 795 51 40 (6 linhas)  
Fax: 796 97 13 • Telex: 62393 VERSUS-P

Distribuição

**EDIÇÕES COSMÓS**

Rua da Emenda, 111-1º — 1200 Lisboa  
Telefones: 342 20 50 • 346 82 01  
Fax: 347 82 55

## A Sabedoria Esotérica na *Clavícula de Salomão*

Maria Benedita Araújo

Universidade de Lisboa

Desde os primórdios do seu aparecimento sobre a terra que o Homem procurou a Sabedoria, entendida como o conhecimento do Bem e do Mal. O *Génesis* relata-nos a tentação dos nossos primeiros pais, em que Nashash, a amaldiçoada<sup>1</sup>, provoca a desobediência de Adão e Eva. O mito serpentífero, ligado à simbologia da queda cósmica da humanidade primitiva<sup>2</sup>, relacionava-se com a Sabedoria. Na tentação de Eva, o Demónio metamorfoseado, profere, referindo-se ao fruto da árvore do Bem e do Mal: «(...) no dia em que dele comerdes, se abrirão os vossos olhos e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal»<sup>3</sup>. Foi, portanto, para «saber», para ser igual a Deus, que o Homem praticou o seu primeiro pecado. Talvez por isso, o conhecimento das inteligências que regiam o cosmos, do Homem e da Natureza e das suas interligações passou a ser visto com desconfiança. A Sabedoria, sendo um atributo de Deus, era também o símbolo de Satanás<sup>4</sup>. Mas, se o próprio Mal se confundia com a onisciência de Deus, esta deveria encontrar-se circunscrita apenas ao entendimento de alguns, os escolhidos, os eleitos. Assim, todo o conhecimento e muito especialmente o que visava o Bem e o Mal deveria ser secreto, oculto, reservado aos iniciados, quer fosse transmissível por via oral, geralmente pela tradição falada, quer se encontrasse reduzido a escrito.

Na Idade Média e na Moderna, a escrita era atributo de um número limitado de pessoas. Os livros, primeiro manuscritos, depois impressos, eram raros e preciosos, poucos entendiam os seus caracteres, o que contribuía para que fossem olhados com desconfiança mesmo por aqueles que sabiam utilizá-los. Através dos livros veiculavam-se conhecimentos que podiam contribuir para a perdição das almas. Acreditava-se, por exemplo que, por meio do «ensino» de certos «papéis» ou «cuadernos», era possível fazer falar os mortos (necromancia ou nigromancia) e obrigá-los a revelar todos os segredos<sup>5</sup>. Para atingir esse fim, era necessário conhecer as técnicas, muito minuciosas e precisas, que permitiam obrigar a vir à fala os defuntos<sup>6</sup>. Os espíritos infernais, cuja profunda sabedoria ninguém punha em dúvida, podiam igualmente prontificar-se ao «ensino» ou ser forçados a tal, por meio do «ensino» contido nesses «cuadernos»<sup>7</sup>. O conjunto dos processos mágicos veiculados por estes textos permitia a concretização dos mais diversos anseios, desde o amor, à saúde, à vingança, à morte<sup>8</sup>. Apesar da tenacidade com que as autoridades civis e religiosas perseguiram estes formulários, alguns deles conseguiram sobreviver a séculos de destruições, queimas, e de rigorosas perseguições; resistiram igualmente ao rigor dos processos levantados contra todos os que fossem suspeitos de possuí-los. Tal aconteceu em Inglaterra, França, Espanha, Alemanha, enfim, um pouco por toda a Europa. Em Portugal, onde o tribunal do Santo Ofício foi particularmente severo com este tipo de leituras proibidas, é difícil encontrar-se hoje uma destas obras genuínas. Apresentavam-se geralmente manuscritas, embora algumas delas, como a *Clavícula de Salomão*, geralmente conhecida por *Clavis*, tivesse sofrido várias impressões, principalmente nos séculos XVI e XVII.

Do conjunto dos livros mágicos legados pela Antiguidade foram os textos salomónicos, ou pseudo-salomónicos, os mais difundidos. Apresentam remotas influências gregas, egípcias e babilónicas, a que se sobrepõem elementos árabes e judaicos. Apareceram na península escritos em hebreu, árabe, aljâmia, traduzidos para o latim e línguas vulgares, sendo copiados

e recopiados por iniciados zelosos. Salomão, o filho de David, foi considerado pelos ocultistas como o arquétipo de todos os sábios. A ciência infusa que lhe fora doada por Deus, em sonhos<sup>9</sup>, acrescentara os conhecimentos adquiridos por intermédio do Demónio<sup>10</sup>. A tradição judia que estabelecia a origem heterodoxa de grande parte da sabedoria alcançada pelo rei, foi acrescentada pelos árabes com o testemunho da sua apostasia, como forma de manter e aumentar esses mesmos conhecimentos. Realmente, segundo o Corão, Salomão louvara o Senhor por lhe haver transmitido todos os segredos da natureza. O rei possuía um exército constituído por espíritos, pássaros e homens, o que punha em relevo o seu domínio sobre o mundo natural e o mundo sobrenatural<sup>11</sup>. Salomão encontrava-se em tão boas relações com os espíritos do Mal que eram estes que lhe guardavam os seus escritos enquanto esperava a conclusão do templo. Segundo a lenda, a eclosão de um grande fogo fez desaparecer todos os testemunhos do seu saber, salvando-se apenas a *Clavícula* e pouco mais.

Na chamada «Magia de Salomão», consubstanciavam-se informes muito antigos e de origem muito diversa, judia e islamita, principalmente. De um modo geral, as *Clavículas*, as *Tabulas* e os *Segredos* de Salomão<sup>12</sup> encontravam-se fixados no ano primeiro da nossa era, mas, a esse *corpus* fundamental, foram sendo acrescentados excertos resultantes de outras experiências e de outras realidades. Esta literatura proliferou, adquirindo uma dinâmica própria, quer nas comunidades judias e árabes, quer nas cristãs. Na península ibérica, as traduções latinas foram numerosas, saindo na lista das obras defesas dos índices<sup>13</sup>. Por toda a parte, incluindo também o nosso país, acendiam-se as fogueiras como meio seguro de purificação dos espíritos mas, apesar do perigo que a posse de livros de magia representava, continuava-se a reproduzi-los cuidadosamente. As fronteiras terrestres e marítimas acabaram sendo reconhecidas como um meio de fácil penetração destas obras, e tornaram-se alvo de vigilância que tinha por fim evitar a sua entrada no Reino. Apesar disso, os livros defesos continuavam a passar<sup>14</sup>. Alguns licenciados e até religiosos portugueses compravam textos de magia em Espanha a peso de ouro. Transliteravam-nos rigorosamente conseguindo assim uma cópia autêntica, de sua própria mão, o que era recomendado nos trabalhos da arte, e revendiam-nos depois pelo mesmo dinheiro que haviam pago ou até com lucro. Havia sempre quem estivesse interessado em adquirir-los.

Para a mentalidade medieval e mesmo para a moderna, o universo era constituído por muitas e variadas forças que se degladiavam ou entravam em sintonia conforme as suas qualidades, simpatias e antipatias. Os decanos presidiam às esferas cósmicas. Legiões dos anjos, arcanjos, serafins, querubins, povoavam os espaços e além destes, surgiam seres contraditórios, nem anjos, nem demónios, superiores aos homens, geralmente entidades espirituais, mas que pareciam escapar aos desígnios de Deus. Para coagi-los, manuseá-los, enfim, para dominá-los e utilizá-los, bem como aos puros espíritos e às forças da Natureza, o homem podia utilizar as diferentes «chaves» das diversas «claves» salomónicas. As letras, as palavras, os desenhos constituíam arranjos com diferentes significados. Seria em vão que os não iniciados tentariam penetrar nos arcanos da arte. O estudo levava muitos anos e encontrava-se relacionado com a *Cabala* e com o valor atribuído por esta aos «nomes, letras, números e figuras»<sup>15</sup>. A religião católica hierarquizará o cosmo segundo estruturas complexas que as concepções dos segredos salomónicos pareciam tornar manuseáveis e inteligíveis. Todos estes estudos mereceram renovado interesse no Renascimento, pelo que obras menos conhecidas passaram a primeiro plano. É o que parece ter acontecido com o *Raziel* ou *Raciél*, obra muito difundida em Espanha<sup>16</sup> e também relacionada com os *Segredos* pela semelhança de algumas fórmulas.

Refere a tradição que Salomão, na sua juventude, não seguiu a ortodoxia religiosa e fizera sacrifícios a outros deuses, possivelmente Astarté e Moloch. Evocara os demónios e adorara os deuses das suas mulheres. O historiador Flávio Josefo, no início da era cristã, testemunhava que um célebre judeu possuía um destes manuscritos de Salomão e que guiado pelos seus ensinamentos tratava os possessos. Leão de Constantinopla, autor cristão do século XI, falava do poder de Salomão sobre os espíritos impuros.

As diferentes edições das *Claviculas* testemunham, de uma maneira ou de outra, o poder atribuído ao monarca: «Todo el Universo, ha sabido, hasta hoy, que, desde tiempo inmemorial, Salomón estaba en posesion de todas las ciencias infundidas a traves de los sabios preceptos y de de las enseñanzas de un ángel, al cual pareció estar tan sumiso y obediente que, además del don de sabiduria que le pidiera, obtuvo, y no sin admiración, toda otra sorte de virtudes»<sup>17</sup>.

O relacionamento com as hierarquias celestiais, como com as terrenas, não podia ser deixado ao acaso. Por isso, o mago precisava de conhecer como e a quem deveria dirigir as suas súplicas. Segundo as obras salomónicas havia diferentes potências espirituais, boas e más, mas, de uma forma geral, «para ellos es un gran placer el rendir servicio al hombre, mientras éste no abuse en absoluto de su bondad. Por otra parte, hay muchos de esos espíritus que tienen mucha afinidad con el hombre e inclinación hacia él al haberles destinado Dios sobre todo a la conservación y conducción de las cosas terrenas que están sometidas al poder del hombre»<sup>18</sup>.

A invocação dirigida aos espíritos puros, com todo o ritual astrológico necessário ocupava, portanto, uma parte importante do saber esotérico contido no livro. De igual modo, a satisfação das necessidades pessoais, amor e ódio, saúde e enfermidade, vida e morte encontravam-se aí contidas. Os conjuros e fórmulas prescritas na magia salomónica, como, aliás, em todo o tipo de magia, estavam relacionadas com a astrologia. O saber do «dia e da hora», no dizer das feiticeiras portuguesas dos séculos XV a XVIII, assumiam uma função primordial.

Para este breve estudo utilizaremos uma tradução espanhola das *Claviculas*, datada de 1641, obtida a partir de um manuscrito francês bastante mais antigo, pois apresenta algumas das fórmulas características dos *Segredos* ou *Clavis* do século XV<sup>19</sup>. Embora seja, portanto, uma cópia recente, encontra-se, pelo que nos é dado saber, pouco adulterado nas principais prescrições, embora este exemplar se apresente truncado. Algumas receitas comuns foram omitidas. Começa este texto por afirmar que, desde tempo imemorial, possuía o rei Salomão o conhecimento de todas as ciências e virtudes facultado por intermédio de um anjo, embora não mencione qual. Sentindo-se perto do termo dos seus dias, o rei passou a Roboão, seu filho, o «testamento» que continha toda a erudição. Por morte deste último, os rabinos guardaram zelosamente o texto, designando-o por *Clavícula de Salomão*. Acrescentaram-lhe então, segundo a tradição, observações e técnicas fruto do seu próprio saber e experiência<sup>20</sup>. Com o decorrer do tempo, surgiu traduzido do hebreu para a língua latina e o rabino Hebognazar tê-lo-ia levado para Arles, na Provença. Aqui, «cette précieuse traduction de l'ancienne clavicle hébraïque tomba entre les mains de Monseigneur Darvault qui de latin la traduited en Langage vulgaire»<sup>21</sup>.

Começava o manuscrito por uma exortação de Salomão a Roboão, seu filho, para que seguisse sempre as vias do Senhor. Narrava-lhe igualmente a forma como Deus o chamara a si. Um dia, em que passeando por um caminho, afastado do mundo, pensava nas admiráveis e surpreendentes obras de Deus, (*Quam mirabilia opera dei*), apareceu-lhe um anjo sob a forma de uma estrela ardente. Dissera-lhe o anjo: «Salomon, Salomon, no te extrañes en absoluto por lo que voy a decirte: el Señor ha puesto sus ojos en tí, y desea satisfacer tu curiosidad, dándote el conocimiento de lo que te será más agradable, y te mando que le pidas lo que desees». O monarca pedira a sabedoria e, por bondade de Deus, obtivera por acréscimo «el disfrute de todos los tesoros terrenales y el conocimiento de todas las cosas de la naturaleza». Fora essa a base de toda a sua ciência e riqueza, prometendo a Roboão que se seguisse com cuidado «los preceptos que voy a darte, te garantizo que las gracia del gran Dios te serán familiares, y que las criaturas celestes y terrenas serán obedientes y estarán sujetas a ti (...)». Recomendava seguidamente que o seu «testamento» fosse utilizado unicamente para o bem: «Je te commande, mon fils, de bien graver en ta mémoire tout ce que je te dis pour qu'il ne s'en efface jamais, ou du moins je t'ordonne que si tu n'avois envie de bien user des secrets que je t'enseigne, de jeter plutôt au feu ce mien (sic) testament que d'abuser du pouvoir que je te donne».

Havia, seguidamente, uma menção aos inúmeros «segredos» da sua sabedoria. Referia, portanto, as diferentes «tabuas» dos dias da semana, as horas planetárias, os anjos que a elas presidiam. A técnica obrigava a exorcizar os diferentes instrumentos necessários à prossecução das operações mágicas. Desta forma, seria necessário adquirir os conhecimentos relacionados com a maneira de fabricar os diferentes instrumentos da arte, desde o cutelo que servia para degolar as vítimas, à faca para as despedaçar, ao buril para a gravação dos caracteres, ou às taças para receber o sangue, para os perfumes e para as fumigações. «Surtout il faut être exact à toutes les cérémonies requises, a fin que les esprits soient incités par une grande promptitude à t'obéir.»<sup>22</sup>. Eram consideradas diferentes classes de seres puros e imateriais; uns, regiam o céu empíreo, outros o primeiro móvel, outros o primeiro cristalino. Havia espíritos no Céu de Saturno, os saturnistas, no Céu de Júpiter, os jupiterianos, no Céu de Vénus, os venusianos, entre muitos outros. Também nos elementos pululavam os espíritos. Assim, havia os que habitavam o fogo, os que volitavam no ar, os que residiam nas águas, os que possuíam a terra. Todos eles poderiam prestar serviços ao homem que soubesse comandá-los e conhecê-los. Para tal, era necessário cumprir rigorosamente todas as regras da arte. Assim, entre outros segmentos, procedia-se às operações seguintes:

- preparação da espada
- preparação das facas
- exorcismo do estilete
- exorcismo do canivete
- exorcismo do buril
- exorcismo das penas
- exorcismo do tinteiro.

O primeiro segmento, a «Préparation de l'épée», exigia que a arma «n'ait jamais servi à rien» e que apresentasse, mais ou menos, o formato mencionado no livro. Devia encontrar-se perfeitamente limpa, sendo em seguida passada por uma mistura de vinho e sangue de uma pomba branca. A ave era sacrificada ao romper do sol. E, na alvorada de uma segunda-feira, às seis horas da manhã, o operador tomava a espada na mão e proferia as palavras «Aglá on penta grammaton, on atanatos, agraton, Tela, justus, Tomon. Deus abraham, deus Isaac, deus Jacob respice servum tuum N. qui in tuo nomine pugnare cupit; jube angelis tuis, ut mihi adsint, et non mihi deficiant in negociis meis et per te c'theos, atanatos, agios, agios, alpha et Omega veniant angeli tui Cassiel, Sachiél, Samael, Anael, Raphael, Michael, Gabriel et adjuvent me in omnibus meis operibus, et numquam me derelinquant; et per Virtutem artis quam patri meo revelasti, sint mihi fideles et obedientes per nomen tuum tetragramaton». A espada devia ser incensada em fogo novo, benzido com as palavras apropriadas. Além desta espada, considerava-se serem necessárias diferentes facas com cabo de madeira e punho de aço, onde eram gravados caracteres específicos que relacionavam os objectos com as entidades espirituais, planetas, horas e vários «nomes santos». Na bênção das facas eram invocados diferentes forças. O rito oral devia, também nestas orações, ser muito preciso e rigoroso. Considerava-se que qualquer erro seria causa de não se realizar o desejo do operador.

O local onde iria decorrer a preparação dos instrumentos deveria ser purificado com antecedência. Não podia servir de casa de habitação por dois motivos principais; primeiro, porque a presença dos espíritos podia ser perigosa para os não-iniciados; segundo, porque as entidades invocadas eram os puros espíritos, portanto o local não podia sofrer conspurcação. Pelo mesmo motivo, ficava vedado a qualquer mulher, criatura impura por excelência, aproximar-se do local por um período nunca inferior a sete dias<sup>23</sup>. Procedia-se em seguida ao revestimento das paredes e do sobrado por panos brancos e por fim praticava-se o exorcismo com a finalidade de afugentar qualquer influência maligna. As vestimentas que o operador vestia no acto tinham de ser limpas e próprias, confeccionadas de linho branco, com uma abertura para a cabeça e cobrindo-o até aos pés. Por baixo, o operador envergaria umas calças

brancas do mesmo tecido. Eram, como os restantes materiais, exorcisados, pronunciando-se sobre eles as palavras apropriadas, isto é, cumpria-se o rito oral.

O fulcro desta operação da arte era a vítima a sacrificar. Por isso, qualquer que fosse — os judeus eram acusados do «crime de sangue», o sacrifício de crianças — seria purificada. Desnecessário será dizer que as palavras que iniciavam o manuscrito, incitando a nunca empregar os demónios que também acorriam ao chamamento, e a nunca abusar dos poderes conseguidos pelo poder dos puros espíritos, seria o suficiente para pôr de parte a ideia de sacrifícios humanos. Contudo, como todas as operações da arte mágica eram feitas em segredo, especialmente depois da instalação do Tribunal do Santo Ofício, é natural que despertassem a curiosidade do grupo de vizinhança, com as consequentes denúncias à Mesa, quer se tratasse de vizinho cristão-novo ou cristão-velho. «Como sea que en todas las operaciones debe haber una víctima», esta era, em seguida, degolada, sendo primeiramente lavada e perfumada com incenso do planeta. Na cabeça era cortada uma mecha de pelo ou penas, e exorcisada a criatura com sal marinho. Seguidamente, aspergia-se a casa com parte do sangue. A oferenda era dedicada ao Deus de Moisés, Deus de Abraão e Deus de Jacob.

As palavras santas a proferir eram numerosas, as orações e invocações diversas, umas vezes dirigidas a Deus, outras aos anjos e aos espíritos. Tratava-se, portanto, de textos difíceis de memorizar, havendo sempre perigo de lapsos que tornariam improficua a operação. Desta forma, o operador deveria preparar com a devida antecedência um pequeno livro de pergaminho virgem, onde escreveria, utilizando para isso uma porção do sangue da pomba, as orações necessárias ao acto que se propunha praticar. Deveria ainda apontar os caracteres intervenientes e os nomes dos anjos. Consagraria depois este caderno ao Grande Deus e aos espíritos bemaventurados<sup>24</sup>. O livro era colocado sobre uma mesa «blanca y pura», revestida de branco, onde estava exposto o grande pantáculo. Neste caso, o pantáculo era um sêlo astrológico de metal preparado segundo a arte e destinado a uma operação específica. Tomando o livro aberto, o operador pronunciava as orações que começavam «Adonai, heloim, hel, ye, Eye, ye princeps principium (...)»<sup>25</sup>. Incensava seguidamente a mesa com o perfume correspondente ao planeta que presidisse ao trabalho, tendo o cuidado de manter acesa durante todo o tempo uma pequena lâmpada. A operação repetia-se durante sete dias seguidos, incensado sempre os diferentes planetas dominantes no dia. O livro ou caderno era, no final, encerrado num esconderijo cavado debaixo da mesa, e só saíria novamente quando fosse necessário. Na consagração do livro não podiam ficar esquecidos todos os anjos e espíritos nele mencionados, para o que deveriam ser rezadas as suas litanias. Por vezes, não obstante o chamamento fervoroso do iniciado, os espíritos não apareciam. Refere o rei que isso não haveria de causar admiração, porque «siendo de naturaleza pura, les duele el familiarizarse con los hombres, que son inconstantes e inmundos». Competia a estes, no entanto, insistir e forçar os espíritos a comparecer, pois possuíam a técnica necessária revelada na *Clavis salomónica*.

A importância de uma boa compreensão da hierarquia celestial e das forças interligadas que governavam o universo obrigavam à elaboração de uma «táboa» geral em que aparecem indicados, primeiramente, os quatro elementos: ar, fogo, água e terra. Logo a seguir, os anjos que lhe correspondiam: Michael, Raphael, Gabriel e Uriel. Seguiam-se os espíritos considerados os príncipes desses elementos. Cherub, Seraph, Tarsis e Ariel. Indicava depois as partes do mundo onde esses espíritos presidiam: ocidente, oriente, setentrião e meio dia; as quatro estações e os príncipes que as governam. Os príncipes das quatro estações, seriam, segundo a magia salomónica, Gargatel, Carascasa, Staran, Gualbaret, Tubiel e Comissoros. Seguiam-se as designações dos sete planetas, em que a lua e o sol se encontravam incluídos, conjuntamente com Júpiter, Mercúrio, Saturno, Marte e Vénus; os elementos correspondentes às quatro estações, fogo, ar, água e terra; as partes do mundo em que imperava cada uma das estações; os meses dos signos; as pedras correspondentes; os príncipes dos espíritos das quatro estações, denominados, a partir do príncipe da primavera, Bael, Moimón, Poimón e

Egin; os nomes dos ministros e das legiões dos príncipes indicados, Silfos, Aéreos, Ninfas e Pigmeus; os anjos que assistem diante da face de Deus, Zaphkiel, Zadkiel, Gamaliel, Raphael, Haniel, Michael, Gabriel; os nomes dos espíritos dos planetas, Aratron, Betor, Phaleg, Och, Hagit, Ophiel e Phul, e a indicação dos seus respectivos anjos. As designações dos anjos dos signos eram as de Melchidael, Asmodel, Ambriel, Muziel, Verchiel, Hamabiel, Zuriel, Zetachiel, Adnachiel, Hamael, Garrubiel e Barchiel.

Na referência às pedras favoráveis aos planetas surgiam, entre outras, a granada, o topázio, o rubi, o carbúnculo e a esmeralda. As ervas que recebiam especificamente as acções dos planetas eram o acónito, correspondente a Marte, o girassol, que, como o nome indicava, era a erva do sol, a capilária, ou erva de Vénus, etc. As aves, os «animais terrestres» e os peixes encontravam também a sua correspondência planetária<sup>26</sup>. Assim, a águia, o cervo e o delfim, considerado peixe, pertenciam a Júpiter e o seu incenso era o aloés; o cisne e o leão, ao sol, que recebia o aroma do almíscar; a pomba, o bode e o atum, a Vénus, que era perfumada com louro; o lúcio, o lobo e o abutre, a Marte que recebia estoraque. Seguiam-se as indicações das doze Casas dos planetas, Capricórnio, Aquário, Sagitário, Peixes, Aries, Escorpião, Leão, Touro, Libra, Gémeos, Virgem, Câncer, e os nomes e caracteres dos signos. Havia ainda referências às pedras correspondentes, entre as quais se encontravam o topázio, o cristal, a esmeralda, o jasper, a ametista, entre outras. Seguiam-se as indicações das «hervas» ligadas às constelações planetárias, tais como, a ipecacuanha, a alface, a salsaparrilha, a artemisa, a serpentina, etc. Além das plantas de pequeno porte, ervas e arbustos, apontavam-se as de grande porte correspondentes aos diferentes signos. Assim, havia referências ao pinheiro, roble, palmeira, louro, entre várias outras. As aves e animais terrestres encontravam-se também relacionados com os astros, as árvores, as plantas, os anjos e os homens.

Esta informação maciça, truncada e amalgamada, tinha, em grande parte, uma origem antiga, quer proveniente de velhas crenças judaicas, árabes, egípcias e gregas, quer reflectindo muitas tradições medievais dominantes na mentalidade seicentista. Embora já não se encontrasse actualizada em relação aos conhecimentos científicos de meados do século, era um testemunho ainda credível dos conhecimentos transactos. Mas não terminavam aqui os segredos salomónicos<sup>27</sup>. Os iniciados aprendiam a utilizar os caracteres, selos, perfumes e nomes imprescindíveis para o bom sucesso da operação mágica. Entre estes últimos, contavam-se os dez nomes de Deus «qui sont d'une très grande puissance pour réprimer la force et la malignité des méchants esprits»<sup>28</sup>. Considerava-se que estes nomes, escritos sobre pergaminho virgem, «tienem muchas virtudes» e colocados sobre a pessoa concediam as benções do Senhor. As designações divinas eram as seguintes: Ehieh, Tetragramaton, Jehovah, Elohim, ael gibor, schaddai achich, Jehovah tsebaot, Ehoim tsebaot, Haytsadik e Schekinats<sup>29</sup>. Os caracteres e nomes divinos eram adorados como «lo más precioso de toda la naturaleza, tanto celeste como terrestre». Por isso, e aliás, como em todos os trabalhos da arte mágica, «hay que obrar muy exactamente y observar gran meticulosidad al transcribirlos». Deveriam ser desenhados com tinta comum sobre pergaminho virgem, de cordeiro, no princípio do mês de Agosto, ao nascer do sol, estando o operador purificado e olhando o levante. Nem sempre se tornava necessário pronunciar os dez nomes divinos, pois em certas técnicas, bastaria recitar apenas um deles, mas, em tais casos, convinha repeti-lo dez vezes. A sua força e o seu poder eram suficientes para proteger de todos os encantamentos, feitiços e perigos, e para vencer toda a adversidade. Quem trouxesse ou pronunciasse algum dos santos nomes, tornar-se-ia amado pelos espíritos puros. As medalhas ou pantáculos correspondentes aos nomes de Deus, cada uma com a sua virtude específica, requeriam na elaboração o cumprimento integral de todas as cerimónias necessárias, «sin lo cual la operación carecería de todo valor»<sup>30</sup>.

Os «segredos» contidos nas *Claviculas* nunca deveriam ser utilizados para o mal, nem para a ruína do próximo, pois o nome de Deus nunca deveria ser pronunciado para maleficar. Se tal acontecesse, seguir-se-ia o merecido castigo não só para o pecador, mas para todos os seus parentes, porque o sangue clamaria perante Deus Todo Poderoso. Portanto, a realização

das maravilhas contidas nas obras atribuídas a Salomão deveriam limitar-se aos desejos lícitos, considerando-se que «il est même très nécessaire de sçavoir (sic) le bien et le mal»<sup>31</sup>.

As relações entre os dois sexos, o amor, figurava entre os primeiros mistérios a ser enunciados. Justificava-se tal cuidado «como sea que no hay ninguna persona que no esté deseosa de atraerse la bienquerencia de sus semejantes, y que habiendo una vez conquistado el corazón y las buenas disposiciones de alguén, y que esta persona está muy prendada de este amor, no hay nada que ella no haga para complacer al que ama». Mas, aconselhava-se o maior cuidado em não cair nas «paixões carnaís», consideradas «coisa perniciososa», valorizando-se, pelo contrário, o valor da pura amizade e do «amor honesto». Um «Segreto para hacerse amar» aparece também citado em outros livros de magia, como *Le Petit Albert*. Encontra-se referido da seguinte forma: «El potro, al nacer, lleva un pedacito de carne sobre la frente, que se denomina hipomanes; hay que cogerlo, hacerlo secar y reducirlo a polvo muy fino. Luego cogerás una manzana roja, practicarás en la misma una extracción al igual que se hace para una cata, del ancho de una pequeña moneda y, una vez sacada las pepitas del fruto, rellenarás el hueco producido con aquel polvo y lo taparás (...)». A operação era complexa e obrigava a cumprir condicionalismos de hora e lugar. Deveria ser praticada às seis horas da manhã, hora de Vénus, de uma sexta-feira, imediatamente anterior a 15 de Abril. O nome da pessoa amada era escrito com sangue do dedo anelar da mão esquerda e colocado dentro da maçã. Sem de nada suspeitar, o enfeitado deveria comer uma parte da fruta, beber uma segunda porção misturada em qualquer líquido, e ter os seus fatos perfumados com uma terceira. Um «segredo» para que ninguém pudesse dizer mal do operador, obrigava ao emprego de determinadas drogas vegetais, principalmente de calêndulas, bocas-de-lobo e louro, colhidas no mês de Setembro, quando o sol estava no signo de Virgem. Deveria ser transportado sobre o próprio, em nómina de tecido verde<sup>32</sup>. Havia ainda técnicas para tornar invisível qualquer pessoa e outras para evitar que alguém fosse ferido com arma branca ou com arma de fogo. Uma técnica julgada operativa era o «enfeitamento do caçador» que, segundo se acreditava, afastava a caça do homem, impedindo-o de apanhar uma única peça.

Estes «segredos» exprimiam as preocupações da sociedade da época, ou melhor, das diferentes épocas que neles acreditaram. Assim, mencionavam-se quatro segredos para atrair o amor, número bastante inferior ao apontado para outras edições. Havia ainda técnicas para protecção, para ligar e desligar homem e mulher, para ensarilhar, para evitar a inveja, para não poder ser preso, para não sofrer qualquer tipo de ferimento, para adivinhar pela sorte da peneira, para descobrir tesouros escondidos. Todos estes temas, o amor, a saúde, a vida e a morte, referidos na magia salomónica, estavam igualmente representados em outros livros mágicos, como, por exemplo, as diferentes versões do *Livro de S. Cipriano*, o *Grande Alberto*, o *Pequeno Alberto*, embora muitas vezes sem as características de respeito pelo original, truncados e deturpados.

Embora nos nossos dias seja difícil auscultar edições da *Clavicula* em português, encontram-se facilmente as versões espanholas, francesas e inglesas. Também são frequentes as reimpressões dos originais portugueses no Brasil, o que prova, por um lado, que a Inquisição não permaneceu inactiva, conseguindo extinguir quasi completamente os livros e «cuadernos» considerados perniciosos. Por outro, a grande difusão do manuscrito proibido através dos espaços de cultura portuguesa. A forma mais corrente de possuir um deste «segredos» que abriam caminho para o amor e para a fortuna, era copiar o «cuaderno» e guardá-lo cuidadosamente, sem esquecer q's recomendações de Salomão a seu filho ao facultar-lhe estes «testamentos»: «te conjuro a no emplearlos nunca jamás en el mal, ya que, como he dicho, maldito sea quien tomara el nombre de Dios en vano; aunque, sin más ceremonia, podrás servirte de estos secretos, mientras solamente tengas como fin la gloria del Gran Dios...»<sup>33</sup>.

## Notas

- <sup>1</sup> *Génesis*, III, 14.
- <sup>2</sup> La Grange, *Histoire Ancienne de L'Orient*, Paris, 1881, pp. 373-377.
- <sup>3</sup> *Génesis*, III, 5.
- <sup>4</sup> Matthew Hopkins, *The Discovery of Witches*, Londres, 1647, pp. 4-9.
- <sup>5</sup> Maria Benedita Araújo, *A Medicina Popular e a Magia no Sul de Portugal* (no prelo).
- <sup>6</sup> A.N.T.T. Inq. de Évora, proc. 11692, fl. 50.
- <sup>7</sup> A.N.T.T. Inq. de Évora, proc. 7731, fl. 2.
- <sup>8</sup> L'Estrange Ewen, *Witchcraft and Demonianism*, Londres, 1970, pp. 157-160.
- <sup>9</sup> *Reis*, V, 5-15.
- <sup>10</sup> *La Magie Noire*, Roma, 1750, p. 19.
- <sup>11</sup> Ursula Lamb, «La Inquisición en Canarias y un libro de Magia del siglo XVI», in *Museo Canario*, XXIV, nºs. 113-144.
- <sup>12</sup> M. Menendez Pelayo, *Historia de los heterodoxos españoles*, III, p. 354.
- <sup>13</sup> *Índices dos Livros Proibidos em Portugal no século XVI*, apresentação, estudo introd. de Artur Moreira de Sá, Lisboa, 1983, p. 193.
- <sup>14</sup> «Carta do bispo do Porto sobre o modo de impedir a entrada de livros por mar», in *Índices dos Livros Proibidos em Portugal no século XVI*, pp. 103-106.
- <sup>15</sup> Francisco Manuel de Melo, *Tratado da Ciência Cabala*, Lisboa, 1872, p. 71.
- <sup>16</sup> «Vida y obras de Fray Lope de Barrient», *Anales Salmantinos*, I, 1927, pp. 121-122.
- <sup>17</sup> *Clavícula de Salomon*, (trad. do francês para espanhol, 1641), Madrid, 1981, p. 3. Refere esta obra: «Hay diferentes clases de espíritus, segun las cosas a las cuales presiden: los hay que rigen el cielo empíreo, otros que rigen el primero móvil, otros el segundo Cristalino, otros el primer Cristalino; los hay que presiden el Cielo estrellado». *Ibidem*, p. 9.
- <sup>18</sup> *Ibidem*.
- <sup>19</sup> *Ibidem*, p. 3.
- <sup>20</sup> *Ibidem*, p. 3.
- <sup>21</sup> *Ibidem*, p. 25.
- <sup>22</sup> *Ibidem*, p. 44.
- <sup>23</sup> *Ibidem*, pp. 45-47.
- <sup>24</sup> *Ibidem*, p. 48.
- <sup>25</sup> *Ibidem*, p. 57.
- <sup>26</sup> A arrumação dos assuntos nesta *Clavícula* de origem francesa apresenta-se diferente da estudada por Ursula Lamb.
- <sup>27</sup> *Ibidem*, pp. 69-70.
- <sup>28</sup> *Ibidem*, p. 73.
- <sup>29</sup> *Ibidem*, p. 70.
- <sup>30</sup> *Ibidem*, p. 73.
- <sup>31</sup> *Les Clavicules de Salomon*, Paris, 1897, p. 18.
- <sup>32</sup> *Ibidem*, p. 79.
- <sup>33</sup> *Ibidem*, pp. 3-4.